

## **A ATENUAÇÃO DO EU NUMA ENTREVISTA TELEVISIVA**

Beatriz Batista da Silva (IC) e José Gaston Hilgert (Orientador)

**Apoio: PIBIC CNPq**

### **RESUMO**

O presente artigo situa-se no âmbito dos estudos da atenuação em interações linguísticas. Especificamente trata ele da atenuação do eu do falante em uma entrevista televisiva dada por Zilda Arns (médica, sanitarista e ex-coordenadora da Pastoral da Criança no Brasil), no Programa Roda Viva da TV Cultura /São Paulo. Mesmo que trate de uma entrevista televisiva, este estudo é de natureza linguística, não estabelecendo, portanto, vínculos com a área da comunicação social. O objetivo do estudo é descrever e analisar as diferentes táticas usadas pela entrevistada para atenuar o seu eu e, assim, mitigar a força de sua fala e construir de si uma imagem de um falante não assertivo. Feita a análise das ocorrências dos atenuadores linguísticos na entrevista, verificamos que eles se distribuem em duas grandes categorias: os que especificamente ocultam o eu e os que mitigam a força da fala da entrevistada por meio da relativização ou indeterminação do dito. Ambas as formas de atenuar têm a função geral de evitar que a entrevistada assuma uma postura arrogante em relação ao que relata na entrevista. Concluímos com a análise que o que prevalece em sua fala, é a atenuação por meio da ocultação do eu, em que a entrevistada tende a generalizar o eu de suas respostas. Para que a análise seja compreendida, são definidos ao longo do texto o conceito e as funções gerais e específicas da atenuação.

**Palavras-chave:** Atenuação. Entrevista televisiva. Interação.

### **ABSTRACT**

The following article is within the scope of attenuation studies in linguistics interactions. Specifically it treats about the attenuation of the speaker's self in the interview given by Zilda Arns (doctor, sanitary and ex-coordinator of Pastoral care of the child in Brazil) in the Brazilian program Roda Viva from TV Culture / São Paulo. Even it is a television interview, this study is of a linguistic nature, and therefore does not establish links with the area of social communication. The goal of the study is to describe and analyze the different tactics used by the interviewee to lessen yourself and construct the image of a non-assertive self. Finishing

the analysis about the occurrences of linguistics attenuators in the interview, we ascertained that they are distributing in two big categories: the one's that specifically hide the self and the one's that alleviate the force of the talk through the relativization or indeterminacy of said. Both ways of attenuation has the general function of avoid that the interviewee take on an arrogant posture in relation of her speaker. We conclude with the analysis that what prevails in her speaker is the attenuation through the concealment of self, wherein she always generalizes the self of her answers. For the analysis to be understanding, concepts and functions about attenuation are defining along the text.

**Keywords:** Attenuation. Television interview. Interaction.

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1. Problema da pesquisa

Este texto estuda as manifestações linguísticas em interações faladas face a face. São vários os aspectos que, numa pesquisa dessas interações, podem ser descritos e analisados. Este texto terá como foco, a forma como os falantes, em situação de interação face a face, atenuam a força da sua fala, também chamada de força ilocutória.

Para definirmos de forma mais concreta o problema aqui em foco, observemos este segmento conversacional:

*João – Pedro, você não está com frio?*

*Pedro – Eu não. Até acho quente.*

*João – Mas eu estou. Até casaco já pus. **Você poderia, por gentileza, aumentar a temperatura do ar condicionado?***

Observemos o pedido de João, destacado em negrito, no último turno de sua fala. Ele, em vez de falar dessa forma, poderia ter dito algo assim: *Pedro aumenta a temperatura do ar condicionado!* Nesse caso João teria sido quase deselegante com o seu amigo, pois falando dessa forma daria uma ordem, ou seja, a sua fala teria uma grande força ilocutória, seria então marcada por uma *intensificação* do pedido feito.

Contudo, João usa vários recursos que *atenuam* essa intensificação, como por exemplo: em vez de dar uma ordem para seu amigo, faz o seu pedido por meio de uma pergunta; faz o uso do verbo *poder* no futuro do pretérito (poderia) em vez de dizer *pode*, no presente do indicativo, e, por último, ainda usa a expressão “por gentileza”. Todos esses são recursos atenuadores da força ilocutória na interação entre as pessoas.

Recursos como estes são muito comuns nas conversas cotidianas, sendo eles dos mais variados tipos, tendo como exemplo o uso de verbos que expressam valores modais epistêmicos (não sei, acho que), a ocultação do eu (sujeito), eufemismos, entre outros. Dentre esses vários, no presente trabalho estudamos somente a atenuação por meio da indeterminação do eu.

A indeterminação do sujeito é mais uma das estratégias usadas por falantes de uma língua e, como o próprio nome já nos sugere, é por meio da ocultação do eu que você tem uma redução da força da fala. Vejamos o exemplo:

*João – Pedro, o que você acha sobre a questão do futebol argentino? Acha que são bons?*

*Pedro – Bom, dizem que eles jogam tão bem quanto os brasileiros.*

Na fala de Pedro, o uso do “dizem” serve para indeterminar o eu, pois, ao invés de Pedro dizer: *Acho que eles jogam tão bem quanto os brasileiros*, ele fala “*dizem que eles jogam*”, ou seja, ele atribui a opinião sobre o futebol dos argentinos não a si, mas a um sujeito indeterminado, por meio do qual o seu dizer é atenuado.

## 1.2. Justificativa

Apresentarei<sup>1</sup> aqui as razões que me levaram a fazer esta pesquisa e a sua importância no âmbito dos estudos da língua em interação. O interesse pela pesquisa me foi despertado desde o início do curso, particularmente da disciplina de Língua Portuguesa II, que falava dos textos como meios de interação entre as pessoas. Esse estudo foi feito com base em fundamentos da enunciação, os quais envolvem todos os tipos de interação, tanto por escrito quanto pela fala. O aspecto que me chamou particularmente atenção foi a interação falada nas situações do dia a dia, a maneira como naturalmente as pessoas usam diversos recursos estratégicos dentro da fala.

Com a vinda do Prof. Dr. Antonio Briz (da Universidade de Valencia, Espanha) ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UPM como professor visitante, em 2016, tive a oportunidade de participar de um encontro com ele, juntamente com outros colegas meus de graduação. Nesse encontro o meu interesse tomou foco mais específico. Como, numa interação face a face, podem-se investigar inúmeros aspectos linguístico-interacionais, o Prof. Briz, por falar justamente de atenuação nas interações, levou-me a escolher esse aspecto para fazer esta pesquisa.

O tema da atenuação é extremamente importante e relevante para assegurar a harmonia nas interações entre as pessoas. É graças à atenuação que se estabelece o equilíbrio interacional entre duas ou mais pessoas que se comunicam entre si. Sem as devidas atenuações, as conversas virariam constantes conflitos e, muitas vezes, não chegariam ao fim desejado. Portanto, a pesquisa sobre as atenuações, no presente caso a atenuação pelo ocultamento do eu do falante, está contribuindo com a construção de nossa imagem social pelo nosso discurso e também com a cortesia comunicativa com o outro.

---

<sup>1</sup> Desde o início deste texto usamos o pronome nós de autor como forma de tratamento. Nestas justificativas usamos, porém, o eu, por acharmos que as justificativas têm muito a ver com questões pessoais, portanto, de maior subjetividade do autor.

### 1.3 Objetivos

Entre as várias formas de atenuação que podem ocorrer numa interação, o presente trabalho teve como foco estudar somente aquelas que ocultam ou ao menos amenizam a afirmação do eu por parte do falante.

Buscamos esse objetivo num *corpus* constituído de uma entrevista dada por Zilda Arns<sup>2</sup>, em 22 de outubro de 2001, ao Programa Roda Viva, da TV Cultura. A entrevista ao vivo está disponibilizada no canal do Youtube, neste endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=oDaRyT4XG9U>, e sua transcrição encontra-se neste outro: [http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/624/entrevistados/zilda\\_arns\\_2001.htm](http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/624/entrevistados/zilda_arns_2001.htm)<sup>3</sup>.

Dentro de nosso objetivo geral, estabelecemos os seguintes objetivos específicos:

- identificar e descrever, nas respostas da falante às perguntas dos entrevistadores, os *atenuadores*, isto é, as formas linguísticas por meio das quais a falante atenua o eu de seu dizer (como, por exemplo, formas impessoais gramaticais, expressões de generalização, construções que escondem o agente da ação e outros).

- identificar e definir a função geral desses atenuadores de ocultamento do eu, no âmbito global da entrevista, visando a definir uma possível configuração da imagem do falante com base na atenuação estudada.

## 2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

Esta parte contempla os fundamentos teóricos do trabalho, os procedimentos metodológicos, e a análise e interpretação dos dados.

### 2.1. Referencial teórico

Neste referencial trataremos dos fundamentos teóricos gerais que sustentaram a pesquisa, tanto para alcançar nossos objetivos, quanto para explicar nossa metodologia. Trataremos nele dos seguintes pontos: a definição de atenuação, o reconhecimento das formas de atenuação e as funções ou estratégias gerais da atenuação.

No que diz respeito ao conceito de atenuação, já nos referimos brevemente a ele no início da introdução, quando definimos o nosso problema de pesquisa. Dissemos então que a atenuação na interação consiste, por parte de quem fala, em minimizar ou amenizar a força informativa do enunciado, ou, em termos mais técnicos, em minimizar a força ilocutória do falante. Trata-se de uma estratégia que, no processo de persuasão do ouvinte, leva a conseguir um acordo com este, uma aceitação de um ponto de vista ou a concordância com

---

<sup>2</sup> Zilda Arns Neumann foi médica pediatra e sanitarista brasileira. Foi fundadora da Pastoral da Criança e da Pastoral da Pessoa Idosa.

<sup>3</sup> Ambos os endereços foram acessados em 30 de março de 2017.

um argumento. Outras vezes, a atenuação é uma simples estratégia para estabelecer equilíbrio e harmonia na conversa, muitas vezes indispensáveis para que a interação evolua sem maiores transtornos. Segundo Briz (2013, p. 285), a atenuação é:

Um mecanismo retórico para convencer, conseguir um benefício, persuadir e, ao mesmo tempo, para cuidar das relações interpessoais e sociais ou evitar que estas sofram algum tipo de menoscabo. Mais concretamente, a mencionada estratégia consiste linguisticamente em diminuir, minimizar, mitigar, debilitar a ação e a intenção ou o efeito que estas possam ter ou ter tido na interação. É uma debilitação argumentativa, portanto, em tal estratégia estão envolvidos os falantes, os ouvintes e, inclusive, terceiros (presentes ou ausentes).

É preciso dizer que não só existem recursos linguísticos para o falante atenuar. Ele pode também fazê-lo com recursos gestuais, mímicos, com o tom de voz e outros. No entanto, nesta pesquisa, em razão de sua natureza, somente nos restringimos aos recursos linguísticos.

Para que a atenuação linguística seja reconhecida e identificada em suas características, dentro da análise de uma interação, deve-se antes de tudo definir o contexto geral em que ela ocorre. Chamamos esse contexto de “contexto interacional geral” (CIG). A definição desse contexto consiste em reconhecer o espaço, o ambiente e a situação em que a conversa acontece. Além disso é preciso caracterizar os interlocutores envolvidos na interação do ponto de vista de sua idade, sexo, grau de proximidade e de outros traços pertinentes para a análise da interação. E, por fim, também faz parte do CIG o tema geral de que os interlocutores falam na interação.

Estabelecido esse CIG, inicia-se o trabalho de identificação dos atenuadores. Esses sempre vão se inserir num contexto próximo, ou seja, dentro de uma frase, de um enunciado, de um parágrafo. A esse contexto damos o nome de “contexto interacional concreto”, ou seja, o CIC. Dentro do CIC, para que o reconhecimento da atenuação seja possível, é necessário identificar três pontos: o fator desencadeador, ou seja, o que foi determinante para que ocorresse a atenuação; o segmento atenuador, que seria o recurso linguístico usado para a atenuação; o segmento atenuado, sendo esse o elemento do discurso afetado pelo elemento atenuador. Inúmeras vezes, dentro da análise, o elemento desencadeador da atenuação coincide com o elemento atenuado.

Para deixar esses conceitos claros, vejamos um exemplo conversacional:

*Numa entrevista de emprego:*

*João – Pedro, quais suas qualidades que poderiam contribuir para a nossa empresa?*

*Pedro – Dizem que sou uma pessoa extremamente organizada e que quando estou à frente de um grupo, sei liderar com facilidade.*

O contexto geral (CIG) desse diálogo é uma entrevista de emprego em que os falantes mantêm entre si um grau de distanciamento, portanto é um ambiente no qual os interlocutores se comportam de maneira formal, usando a linguagem do padrão culto. No contexto interacional concreto (CIC), isto é, no contexto específico em que se situam as relações de atenuação, o fator que leva o falante a atenuar é justamente o ambiente em que ele se encontra e a maneira com que deve ser o seu comportamento. No caso do diálogo acima, o desencadeador coincide com o segmento atenuado, na medida em que ele atenua a força ilocutória de sua resposta. O recurso linguístico usado para a atenuação é a indeterminação do sujeito. A pergunta é feita a ele de maneira específica, no entanto ele responde não em primeira pessoa, mas faz uso do “dizem”, como uma forma de impessoalizar sua resposta, não atribuindo só a ele as qualidades citadas.

Estabelecidos a definição de atenuação e o seu reconhecimento no contexto interacional concreto, cabe agora apresentar as principais funções da atenuação.

De acordo com o professor Briz (2013, p. 302, 303), são três as funções estratégicas básicas e gerais da atenuação: a autoproteção, que é uma função estratégica para minimizar responsabilidades, para ser politicamente correto no ato da fala; a preservação, que é uma função estratégica para prevenir possíveis danos à imagem do falante ou do ouvinte, ou seja, o falante age de maneira atenuada para que não ocorra nenhum dano pessoal ou social aos interlocutores em interação; a reparação, que é uma função estratégica para reparar uma ameaça à imagem do outro ou uma intromissão no seu território próprio.

Além das funções destacadas, há também duas táticas de atenuação que são especialmente usadas pelos falantes: a ocultação do eu e a relativização ou indeterminação do dito. A ocultação ou indeterminação do eu ocorre quando o falante se impessoaliza ou se indetermina dentro do discurso, com diferentes finalidades, como evitar uma postura arrogante com afirmações categóricas; assumir com o outro um modo de ser cortês; não assumir a responsabilidade exclusiva por certas afirmações; relativizar a verdade de sua afirmação e muitas outras funções. As formas de indeterminação são várias: o uso de formas impessoais gramaticais (nós, a gente), expressões de generalização (todo mundo, as pessoas), o uso do sujeito indeterminado como em “dizem”, “contam”, “falam”), o uso de construções com voz passiva, sem mencionar o agente da ação, o uso de construções eufemísticas que evitam expressões de maior força ilocutória.

Já no caso da relativização, há a indeterminação do dito. Ela pode ser feita por meio do uso dos verbos modais epistêmicos (não sei, penso eu), marcadores discursivos

modalizadores (talvez, ao que parece). Pode-se também fazer uso do futuro do pretérito, do imperfeito no lugar do indicativo (poderia, gostaria, pensava, achava), estruturas causais explicativas (isso é ótimo, mas...), uso de diminutivos e outros recursos.

Todos esses fundamentos teóricos constituíram as categorias de análise para alcançarmos os nossos objetivos, de acordo com a metodologia que a seguir apresentamos.

## **2.2 Procedimentos metodológicos**

Para alcançar esses objetivos seguimos os seguintes passos metodológicos:

Em primeiro lugar nos aprofundamos nos estudos sobre atenuação já feitos, particularmente na leitura e no fichamento de textos de Briz (2013a e 2013b), Marta Albelda (2013), (Silva e al. 2013).

A seguir caracterizamos o contexto interacional geral da entrevista, isto é, definimos o espaço em que ocorre a entrevista e caracterizamos sob diferentes aspectos tanto a entrevistada quanto seus entrevistadores, nunca esquecendo que ambos falam não só entre si, mas também para o público televisivo.

Com os grandes conceitos teóricos claros, partimos, na sequência, para a escuta exaustiva e repetida da entrevista, sempre acompanhada pela leitura de sua transcrição. Nesse trabalho, fomos já anotando, dentro de seu contexto concreto, os atenuadores que ocultam o dizer do eu da falante.

Finalmente partimos para a análise dos atenuadores, não o fazendo, porém, para todos os atenuadores da entrevista inteira, já que isso seria repetitivo. Limitamo-nos então a enfocar os atenuadores de alguns segmentos da entrevista.

Por fim, retomamos os vários atenuadores encontrados para ver se o seu uso pela falante permite levar a definir uma imagem dela que brote de seu discurso.

## **2.3 Análise e interpretação dos dados**

Nas interações costumam ocorrer dois tipos de discurso: o discurso da intensificação e o discurso da atenuação. Desses só nos interessa o último, em que, de acordo com Briz e Albelda (2013), o fazer é impessoalizado, generalizado e a força ilocutiva é atenuada. Nesse sentido analisamos aqui a atenuação do eu na entrevista dada por Zilda Arns, cujo tema central foi a Pastoral da Criança e seus feitos. Para a análise restringimo-nos a algumas passagens da entrevista, que, a seguir, transcrevemos. Elas são suficientes para evidenciar um falante que se caracteriza por ocultar o eu em suas manifestações.

As passagens analisadas:

**Entrevistador 1:** [...] E a **senhora** faz tudo isso com zero [vírgula] 86 [centavos de real]? Onde é que está indo o resto do nosso dinheiro?

**Zilda Arns:** Bom, mas tem muita coisa [risos] que deve ser feita com ele [o resto do nosso dinheiro], né? É que o **nosso** trabalho é simples. **A gente... a Pastoral da Criança** escolheu o que é simples, o que é barato e que dá para fazer em larga escala.

\*\*\*\*\*

**Entrevistador 2:** [...] Como é que a **senhora** vê a participação da universidade na vida social brasileira, no sentido de resolver os problemas sociais?

**Zilda Arns:** **Eu acho que** existe uma distância enorme. Eu... lá em Manaus, tinha um professor que trabalhava com plantas medicinais. Eu disse: "vamos chamar esse professor!". Ele vinha, assim, fim de semana, porque ele não podia deixar as aulas durante a semana. **Nós** pagávamos a condução para ele, quer dizer, o barco, o avião, para ele dar curso para o nosso pessoal sobre plantas medicinais. Quer dizer, uma coisa extraordinária! Por que [é] que a universidade, vamos dizer, as universidades não colaboram? **Nós** fizemos, assim, pegamos alguns professores e fizemos reunião com nosso pessoal para eles ensinarem como preparar, como fazer os remédios caseiros, aproveitar a alimentação da região, que jogam fora, no lixo, a maior parte. Aliás, o Brasil desperdiça incrivelmente, né? Eu sempre digo, o Brasil não tem falta de comida, desperdiça demais. **A gente** teria que ter um foco social mais... Eu até **faria** um apelo às universidades, eu sou irmã de tantos professores; tenho 4 irmãos que fizeram doutorado, foram professores de universidade, um foi reitor. Mas eu **diria**, assim, que a universidade não se despertou para o seu papel social [...]

\*\*\*\*\*

**Entrevistador 3:** Agora, [sobre] o trabalho do governo, o papel do governo nessa área, qual é a avaliação da **senhora**? **A senhora acha** que o governo está fazendo o que cabe a ele da maneira correta?

**Zilda Arns:** Eu **diria** que melhorou muito. Porque eu trabalho [há] muitos anos, né? Eu, só de saúde pública, tenho quarenta anos e desde antes de me formar eu já trabalhava, assim, no hospital de criança, no setor público, como voluntária, e continuei depois como médica da Secretaria da Saúde. Mas, eu **diria** o seguinte: que [o trabalho do governo] era um horror, no começo. Eu era diretora da rede de postos de saúde, área metropolitana de Curitiba. Vinham sacolas [e] as mães, muitas vezes, deixavam de amamentar para receberem o leite. Elas queriam vir para um posto de saúde para vacinar [seus filhos] quando tivesse a cesta básica. Não tinha educação para saúde, não tinha motivação, muito baixa autoestima. Hoje é

totalmente descentralizado. O SUS [Sistema Único de Saúde], que, naquela época... e há pouco tempo, há dez anos, menos de dez anos, praticamente, melhorou de cinco anos para cá a descentralização - não é? -, que é uma coisa muito importante. O Brasil, enorme como é, oito milhões e 511 mil quilômetros quadrados, um serviço centralizado [seria] impossível de, vamos dizer, supervisionar. Então, hoje é descentralizado. Ainda não funciona bem; eu tenho a impressão [de] que falta, ainda, capacitar melhor a gerência e o controle social. Mas é descentralizado [...] Assim bem, também, [eu] **diria** assim, vamos dizer, Bolsa Escola, também é uma coisa muito boa, né? Então, **eu creio** que está no caminho da descentralização. O que falta, ainda, [é] acompanhar com a qualidade e o controle social.

\*\*\*\*\*

**Entrevistador 4:** Mas a Pastoral reconhece o racismo?

[...]

**Zilda Arns:** ... **nós** notamos isso, é evidente. Mas, assim, dentro das comunidades da Pastoral da Criança todos se sentem bem, se sentem felizes. Eu vou às reuniões da Pastoral e fico encantada! Os negros tão felizes, tão realizados na Pastoral! **Eu creio** que é uma riqueza a gente poder trabalhar com os negros. E quando eu fui à Angola e treinei as primeiras 17 mulheres, eu fiquei, assim, encantada pelo interesse e pelo talento [delas]. Hoje são mais de 400 mulheres trabalhando na Pastoral da Criança. Então, **eu creio** que o racismo, também, está muito, assim, na cabeça das pessoas. Na hora [em] que a gente trabalha com elas e melhora a autoestima, elas mesmas, elas se incluem melhor.

\*\*\*\*\*

**Entrevistador 2:** Se a gente olhar um pouco os ganhadores do Prêmio Nobel dos últimos anos, por exemplo, em [19]88, ganhou a ONU [Organização da Nações Unidas], através de uma Força de Paz [tropas militares multinacionais, também chamadas boinas azuis, enviadas pela ONU a regiões de conflitos, para garantir o cumprimento dos tratados de paz]. [Em 19]94, o Shimon Peres e o Yasser Arafat foram ganhadores. Em [19]98, nós tivemos os dois da Irlanda do Norte [John Hume e David Trimble], um que representava o catolicismo, outro [que] representava os protestantes. E nós continuamos vendo guerra nesses lugares, continuamos tendo isso daqui, não como esses indivíduos, como grande indicadores do caminho da paz. Então, minha pergunta para a senhora é a seguinte: como a senhora viveu a ansiedade do Prêmio Nobel, como é que **a senhora** vê o Prêmio Nobel da Paz?

**Zilda Arns:** Eu só queria corrigir você: não [é] a ansiedade do Prêmio Nobel, [mas] a alegria de já ter ganho o Prêmio Nobel, salvando cinco mil crianças por ano, viu? Então, esse é o sentimento que eu tinha, e o Brasil estava, realmente, eufórico. Foi coisa assim...[foi] maravilhoso, porque todas as religiões, todos os partidos políticos, todas as classes sociais,

todo mundo, assim, vamos dizer, feliz, na expectativa, esperando o Prêmio Nobel da Paz. Mas, realmente, o prêmio **nós** já ganhamos só por essa mobilização e os resultados. Agora, eu **diria** que o mundo tem que despertar, né? Se você olhar o mundo, assim, tão revoltado, com tantas guerras e tantos problemas e tanta pobreza, você vai dizer: "Para onde esse mundo quer seguir? Quer se acabar, de tanta guerra?". **Nós** temos que começar com a educação para a cultura de paz, e é urgente. Então, naturalmente, as grandes premiações, não tenho nenhuma crítica a fazer, foi um momento que eles acharam melhor a ONU receber, para talvez valorizar mais a ONU na interferência para a paz. Mas eu penso que a prevenção ainda não tem valor cultural, não é? **A gente** tem que trabalhar semeando a paz em terra fértil, não improvisando; a gente tem que investir, pagar para ter paz. Como eu digo: **a gente** tem que pagar para a criança mamar no peito. A mãe que amamenta tem que ganhar alguma coisa para ela perseverar bastante tempo, de tão bom que é para a criança, de tanta educação que faz. Então, **eu creio** que o Brasil poderia ser...realmente, poderá ser, porque o povo brasileiro é fantástico, tem uma solidariedade incrível. **Nós** temos que começar com a cultura de paz, começando antes de nascer. E eu **diria** que o tipo Pastoral da Criança, complementado por médico de família, Bolsa Alimentação, com escolas melhores - porque também nossas crianças precisam ir à escola, uma escola boa, eles são pobres, né? -, Bolsa Escola, treinamento melhor dos professores... o país tem que investir nos recursos humanos, na educação, mas tem que ter saúde, senão também a educação perece, não é? Então, **eu creio** que o caminho é esse. E também as crianças deviam ficar na escola o dia inteiro. Lá em Forquilha [município brasileiro do estado de Santa Catarina], minha terra Natal - não é? -, [onde] vivi uma infância tão feliz, porque eu repito tanto esse nome, mas nós tínhamos aula o dia inteiro. De manhã nós íamos à aula, vínhamos para casa almoçar e voltávamos [para] reforço escolar, música, arte, coral, esporte, aprendendo e gostando de lá. Eram freiras especializadas, educação da Alemanha. Eu penso por que [é] que o Brasil não gasta na promoção dos seus recursos humanos, na educação, em vez de gastar tanto com polícia e...e a coisa não tem fim. Pode mudar diretor, pode mudar ministro, que a coisa continua cada vez pior. **A gente** tem que, realmente, investir na prevenção, na educação para a paz. E o mundo tem que saber disso. E em todo lugar aonde a gente vai a gente vê que as crianças, vamos dizer, as nossas estão melhores, as famílias estão melhores, só que falta ainda atrairmos políticas públicas para o centro de pobreza. O que a gente vê, por exemplo, aqui em São Paulo, que eu vi esses dias - realmente, **a Pastoral** está fazendo sua parte -, mas não tinha banheiro dentro de casa, não tinha água dentro de casa, não tem emprego, [há muitos] analfabetos. Então, **a gente** tem que cuidar, assim, do desenvolvimento mais integral - né? -, mais intersetorial. E ter também áreas de lazer, porque as pessoas não podem só trabalhar; elas têm que também ter lazer, para terem saúde mental, para manterem a família unida né? Para a comunidade ter oportunidade de congregar-se.

\*\*\*\*\*

**Entrevistador 5:** Aonde funciona melhor a saúde pública no país? Que estado ou que região?

**Zilda Arns:** Bom, [é] difícil dizer. **Nós** temos municípios onde funciona bem, né? Então, a gente diria que existem muitos por aí. Eu até **sentiria** dificuldade em dizer quais são os melhores. Mas existem, de diferentes partidos políticos, municípios funcionando bem... depende muito da organização do sistema - não é? -, porque, realmente, a descentralização exigiu, assim, uma capacitação que muitos não tinham. E muitos, também, não procuraram se assessorar bem. Mas, eu **diria** que melhorou bastante.

\*\*\*\*\*

Os atenuadores que ocorrem nessas passagens, destacados em negrito, podem ser reunidos em duas categorias, que revelam táticas de atenuação: a ocultação do eu e a relativização ou indeterminação do dito.

No que respeita à ocultação do eu, a análise mostra os seguintes casos:

- O uso da primeira pessoa do plural **nós**, como em: **Nós** pagávamos a condução para ele, quer dizer, o barco, o avião, para ele dar curso para o **nosso** pessoal sobre plantas medicinais. São 11 ocorrências nos seis turnos acima e 151 ocorrências em toda entrevista.

- O uso da expressão pronominal de terceira pessoa **a gente**, como em: **A gente** tem que trabalhar semeando a paz em terra fértil, não improvisando; a gente tem que investir, pagar para ter paz. Como eu digo: **a gente** tem que pagar para a criança mamar no peito. São 12 ocorrências nos seis turnos acima e 97 ocorrências em toda entrevista.

- O uso de uma forma nominal em terceira pessoa, como em: O que a gente vê, por exemplo, aqui em São Paulo, que eu vi esses dias - realmente, **a Pastoral** está fazendo sua parte -, mas não tinha banheiro dentro de casa, não tinha água dentro de casa, não tem emprego, [há muitos] analfabetos. Ela faz uso da Pastoral como meio de generalizar. São 4 ocorrências nos seis turnos acima e 124 ocorrências em toda entrevista.

Em geral, a ocultação do eu tem as funções de evitar uma postura arrogante com afirmações categóricas; assumir com o outro um modo de ser cortês; não assumir a responsabilidade exclusiva por certas afirmações; relativizar a verdade de sua afirmação e funções similares.

A outra tática de atenuação do eu é a relativização ou a indeterminação do dito. A análise mostra as seguintes ocorrências:

- O uso de verbos modais epistêmicos que, de acordo com Hoffnagel, 1997, “se refere ao modo de uso da língua pelo qual se expressa uma avaliação sobre o valor de verdade”. Como vemos em: **Eu creio** que é uma riqueza a gente poder trabalhar com os negros. E quando eu fui à Angola e treinei as primeiras 17 mulheres, eu fiquei, assim, encantada pelo interesse e pelo talento [delas]. Hoje são mais de 400 mulheres trabalhando na Pastoral da Criança. Então, **eu creio** que o racismo, também, está muito, assim, na cabeça das pessoas. São 5 ocorrências nos seis turnos acima e 22 ocorrências em toda entrevista.

- O uso dos verbos no futuro do pretérito no lugar do presente do indicativo. Como em: **Eu diria** que melhorou muito. Porque eu trabalho [há] muitos anos, né? Eu, só de saúde pública, tenho quarenta anos e desde antes de me formar eu já trabalhava, assim, no hospital de criança, no setor público, como voluntária, e continuei depois como médica da Secretaria da Saúde. Mas, eu **diria** o seguinte: que [o trabalho do governo] era um horror, no começo. São 7 ocorrências nos seis turnos acima e 25 ocorrências em toda entrevista.

Em geral, a relativização ou indeterminação do dito tem como função diminuir a força argumentativa do dito e possui uma função de proteção tanto do falante quanto do receptor, evitando que uma imagem de impolidez seja criada.

O seguinte quadro resume os destaques de nossa análise:

<b>1ª. categoria de atenuadores: os que se destinam à ocultação do eu.</b>	
	Principais ocorrências em toda a entrevista:
Em vez da 1ª. pessoa do singular (eu/meu)	<ul style="list-style-type: none"> <li>→ A 1ª. pessoa do plural (nós/nosso): 151 ocorrências.</li> <li>→ A 3ª pessoa (a gente, a Pastoral): 97 ocorrências.</li> </ul>
Funções principais:	<ul style="list-style-type: none"> <li>- evitar uma postura arrogante;</li> <li>- ser cortês;</li> <li>- não assumir responsabilidade exclusiva;</li> <li>- relativizar a verdade das afirmações.</li> </ul>
<b>2ª. categoria de atenuadores: os que relativizam ou indeterminam o dito</b>	
	Principais ocorrências em toda a entrevista:

- O uso de verbos epistêmicos	→ (eu) <b>creio</b> : 22 ocorrências em toda a entrevista, sem contar formas similares como eu acho, eu penso, em minha opinião, etc.
- O uso de verbos no futuro do pretérito	→ (eu) <b>diria</b> : 25 ocorrências em toda a entrevista, sem contar formas similares como poderia, faria, etc.
Funções principais:	<ul style="list-style-type: none"> <li>- diminuir a força argumentativa;</li> <li>- proteger a face do falante, evitando uma imagem de impolidez;</li> <li>- proteger a face do próprio ouvinte, mantendo aberta a possibilidade de ele continuar o diálogo.</li> </ul>

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propusemo-nos a analisar as atenuações do eu numa entrevista televisa. Chegamos à conclusão de que as duas táticas principais usadas pela falante para atenuar a sua fala são: a ocultação do eu e a mitigação da força da fala por meio da relativização ou indeterminação do dito. A entrevistada costuma atribuir a um ator geral os feitos que a ela são referidos, fazendo o uso da generalização como meio de atenuar o seu eu.

Além disso, a entrevistada é também não assertiva em sua fala, o que vem demonstrado na frequente recorrência de verbos epistêmicos e de verbos modalizadores no futuro do pretérito.

O presente trabalho nos permitiu uma introdução em um novo aspecto no estudo do uso linguístico em situações de interação. Nesse sentido observamos que a atenuação não é só uma forma de ser dos falantes entre si, mas ela está inscrita nas próprias palavras que usam, na modalização que fazem dos verbos, enfim, na construção de seus enunciados.

### 4. Referências bibliográficas

ALBELDA, M., Una propuesta teórica y metodológica para el análisis de la atenuación lingüística en español y portugués. La base de un proyecto en común. Onomázein. In: *Revista semestral de lingüística, filología y traducción*. 28 de dez. 2013, p. 288-391.

BRIZ, A., Una propuesta teórica y metodológica para el análisis de la atenuación lingüística en español y portugués. La base de un proyecto en común. Onomázein. In: *Revista semestral de lingüística, filología y traducción*. 28 de dez. 2013a, p. 288-391.

BRIZ, A., *A atenuação e os atenuadores: estratégias e táticas*. *Revista Linha d'Água*, n. 26 (2), p. 285, 2013b.

HOFFNAGEL, J. (1997). A modalização epistêmica na construção de sentido: o caso do "eu acho (que)". *Intercâmbio* (2237 759X), vol. 6. São Paulo – LAEL PUC.

SILVA, L. A. da.; GOMEZ, A. B.; ANDRADE, A. M.; BLANCO, R. C. H. C.. A atenuação e os atenuadores: estratégias e táticas. *Revista Linha D'Água*, v. 26, p. 281, 2013.

**Contatos:** [beeabatista96@gmail.com](mailto:beeabatista96@gmail.com) e [gastanh@uol.com.br](mailto:gastanh@uol.com.br)